

GT -04 – Movimentos Sociais e Participação
Coordenadores: Euzeneia Carlos e Cristiana Losekann

**CRIMINALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: A EXPERIÊNCIA DA RECLUSÃO
A PARTIR DA FALA DE QUATRO MANIFESTANTES PRESOS NAS JORNADAS DE
JUNHO EM VITÓRIA/ES**

CARDOSO, Rosangela de Matos¹
MARTINS, Lucia Mara dos Santos²

¹ Graduanda em Ciências Sociais, UFES; rosangela.cso@gmail.com,

² Graduanda em Ciências Sociais, UFES; luciamartins302@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo, que classificamos como ensaio etnográfico, objetiva trazer um relato da experiência da reclusão de quatro manifestantes presos durante as jornadas de junho em Vitória/ES. Optamos por utilizar como metodologia da pesquisa a entrevista do tipo “relato de vida” descrita por Berteaux e, buscando compreender os relatos, utilizamos a hermenêutica, apoiados nos ensinamentos de Patrícia Jordão sobre uma nova concepção de etnografia e seus sujeitos. Para a confecção do texto etnográfico e os relatos dos pesquisados nos ativemos ao que nos fornece a teoria da antropologia moderna proposta por alguns autores como Geertz, Caldeira e Oliveira. A conclusão do estudo, conforme a “voz” dos manifestantes ouvidos, é que ocorre uma criminalização dos movimentos sociais e ainda que a falsa imputação de participação de pessoas que apenas transitavam pelo local seria uma manobra planejada pelos responsáveis pela repressão para arrefecer o movimento.

Jornadas de junho – criminalização dos movimentos sociais - reclusão – relatos de vida

1- INTRODUÇÃO

O estudo que ora apresentamos consiste em uma abordagem etnográfica cujo objetivo é trazer um relato da experiência da reclusão de quatro manifestantes presos durante as jornadas de junho em Vitória/ES. Utilizamos a expressão jornadas de junho porque diversos manifestantes se referem às manifestações que ocorreram no mês de junho desta forma. O relato a que nos referimos foi efetuado por alguns dos manifestantes presos pela Polícia Militar do Espírito Santo (PMES) no dia 19 de junho de 2013, que foram encaminhados ao Complexo Penitenciário de Viana/ES. Conforme o relato, entre os presos estavam vários atores sociais: estudantes, trabalhadores, militantes e não militantes, pois alguns dos detidos foram presos quando passavam pelo local, eram simples transeuntes que foram confundidos com manifestantes.

Este trabalho etnográfico teve como objetivo relatar a experiência da prisão, significados, estranhamentos, marcas e relações sociais que se estabeleceram no ambiente carcerário, tendo como interlocutores os manifestantes e nós, ora pesquisadoras, que nos apresentamos como servidora da justiça/professora e uma manifestante. Inicialmente estava previsto que haveria um terceiro interlocutor: um oficial da PMES, graduando de Ciências Sociais e atuante no movimento de repressão às passeatas. Contudo, sua presença não foi bem aceita pela primeira entrevistada que mostrou-se extremamente abalada ao ser informada de sua condição. Diante dessa primeira reação, optamos, nós três, de comum acordo pela exclusão do colega.

Para isso nos atentaremos a observar o que Caldeira diz no texto, *A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia*, ela diz que:

[...] o antropólogo contemporâneo tende a rejeitar as descrições holísticas. Interroga-se sobre os limites da sua capacidade de conhecer o outro, procura expor no seu texto as suas dúvidas, e o caminho que o levou à interpretação, sempre parcial. As regras implícitas que regem a relação entre autor, objeto, e leitor, e que permitem a produção, a legibilidade e a legitimidade do texto etnográfico, estão mudando. Essa mudança está associada ao processo de autocrítica por que passa a antropologia hoje, em que os mais variados

aspectos de sua prática vem sendo questionados e desconstruídos (CALDEIRA, 19. p. 133).

É dentro dessa nova percepção do texto etnográfico, que será desenrolado o resultado do trabalho de pesquisa ao desenvolver o nosso texto etnográfico.

A manifestação ocorrida que teve como local de concentração a Assembleia Legislativa do Espírito Santo às 06h00min da manhã e que prosseguiu em caminhada até o Palácio Anchieta no centro de Vitória, culminou com atos de enfrentamento entre integrantes da Polícia Militar e manifestantes no Palácio do Governo.

Este enfrentamento teve como consequência alguns atos de quebra-quebra e a prisão de vários manifestantes tidos como “vândalos”, e que foram levados inicialmente para uma delegacia patrimonial e logo após para o Complexo Penitenciário de Viana.

É a essa experiência de reclusão, que iremos nos ater nesse trabalho. Estabelecer interlocução com alguns desses atores sociais, tendo como objetivo principal neste texto etnográfico, relatar a experiência da prisão percorrendo todas as suas fases (detenção na via pública pela PM e seu encaminhamento à Delegacia de Polícia, o período passado na delegacia desde a chegada, a confecção do flagrante delito, a permanência na delegacia até a transferência para o Complexo Penitenciário de Viana, a chegada na triagem até a carceragem). Fazendo uma interlocução entre uma oficiala de justiça/ professora e pesquisadora e uma manifestante e pesquisadora.

Ao contrário do que acontece em outras ciências e mesmo nas outras ciências sociais, em que o analista e pesquisador procura o mais possível estar ausente da análise e da exposição dos dados, como meio de garantir uma posição neutra e objetiva legitimadora da cientificidade, o antropólogo nunca esteve ausente de seu texto e da exposição de seus dados. (Caldeira, 1988, p. 134)

Assim, queremos esclarecer que, nós, ora pesquisadores, estamos imersos neste contexto social marcado por manifestações, uma das pesquisadoras também participa das manifestações. Não foi presa, mas se define como "atriz social", militante de movimentos relacionados aos direitos de crianças e adolescentes, conselheira do Conselho de Direitos das Crianças e dos Adolescentes (CONCASE), atuante e ativista

de causas relacionadas às pessoas com deficiência. É também militante do movimento estudantil, participante assídua das manifestações de junho e julho. Nesse envolvimento nas manifestações já foi afetada pela inalação de gás lacrimogêneo durante as repressões policiais. Outra pesquisadora se define como professora aposentada da educação básica, atualmente oficiala de justiça na Comarca de Cariacica/ES. Não tem participado dos movimentos atualmente, mas participava ativamente nos anos oitenta da luta pelo retorno da democracia, pela anistia ampla geral e irrestrita e pelas eleições diretas para a presidência.

Além disso, acreditamos, conforme Lahire (2002), que por não ocupar posições semelhantes em todos os espaços sociais, vivem-se experiências variadas, diferentes e, às vezes, contraditórias. Um *ator plural* é, então, produto de experiências - cada vez mais precoces - de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos. Pertence simultânea e sucessivamente, no curso de sua trajetória, a universos sociais variados ocupando posições diferentes. Em síntese, todo indivíduo exposto a uma pluralidade de mundos sociais se submete aos princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios.

2 - ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como não estivemos presas, nem estivemos presentes no dia em que ocorreu a prisão dos manifestantes, optamos por utilizar como metodologia da pesquisa a entrevista do tipo “relato de vida” descrita por Berteaux como “uma forma particular de entrevista, – uma entrevista narrativa, ao curso da qual um pesquisador solicita a uma pessoa, denominada sujeito, contar toda ou parte de sua experiência vivida” (BERTAUX, 1977, p. 6). Durante a entrevista, os manifestantes presos foram deixados à vontade para relatar o ocorrido e as suas experiências. Desse modo, entendemos que, buscando compreender os relatos, utilizamos a hermenêutica e nos apoiamos nos ensinamentos

de Patrícia Jordão sobre uma nova concepção de etnografia e seus sujeitos. Ela afirma que:

A interpretação realizada pelos pós-modernos, está baseada sobre uma outra cultura entendida como diferente e estranha a do antropólogo, mas com possibilidades de compreensão e tradução mútua através da conversação respeitosa e não etnocêntrica, do diálogo que se caracteriza como uma atividade, não somente científica, mas de confraternização e solidariedade humana. Para os antropólogos pós-modernos, em particular os autores do Writing Culture, a etnografia deve ser mais que uma interpretação sobre o outro. Deve ser uma negociação com diálogos, uma expressão das trocas entre uma multiplicidade de vozes, onde fique evidente o outro no texto etnográfico e seu relacionamento com o antropólogo, além da própria voz deste último. (JORDÃO, 2004, p.48)

As entrevistas foram realizadas no dia 31 de Agosto em Jacaraípe – Serra, num evento cultural organizado por um dos integrantes do grupo de manifestantes que foram reclusos e aluno do Curso de Ciências Sociais da UFES que articulou o contato entre os pesquisadores e os pesquisados, propiciando este ensaio etnográfico.

Durante o evento cultural denominado “3º Intercâmbio de Cultura Afro do Kisile”, local onde foram feitas as entrevistas, pudemos observar também, outros tipos de relações desenvolvidas que se estabeleceram a partir do processo de reclusão ora pesquisado.

3 - O ACESSO AOS ATORES: UM EVENTO CULTURAL DENOMINADO “TERCEIRO INTERCÂMBIO DE CULTURA AFRO - KISILE”

O evento teve como objetivo trabalhar a cultura afro na comunidade e contou com a realização de oficinas de criação de máscaras a partir do reaproveitamento de materiais como: recipientes plásticos de resíduos, pedaços de tecidos, entre outros; oficina de capoeira; oficina de discussão sobre gênero; feira de trocas e apresentação de atração musical de cultura afro.

Já no momento da nossa chegada ao local, pudemos perceber que aquele lugar era um espaço rico para a percepção do entrelaçamento de grupos de várias posições sociais

e juntos por um objetivo de servir à comunidade. Já estava acontecendo uma oficina de criação de objetos e máscaras para as crianças da comunidade. A oficina era dada pela artesã Mônica Ferreira que faz trabalhos comunitários com crianças, ensinando-as a fazerem máscaras a partir do reaproveitamento de recipientes plásticos de resíduos. Para dinamizar as oficinas ela usa como referencial teórico o artista Romuald Hazoumé, que trabalha a arte, através do reaproveitamento de recipientes plásticos. Durante a tarde houve uma discussão sobre a relação de gênero e foi neste momento que começamos a entrevista com os nossos sujeitos focos da nossa pesquisa etnográfica. Uma das manifestantes presas participou do evento promovendo a feita de trocas.

4 - RELATOS DOS MANIFESTANTES SOBRE O PROCESSO DE RECLUSÃO

Para a confecção do texto etnográfico e os relatos do pesquisado iremos nos ater no que nos fornece a teoria da antropologia moderna proposta por alguns autores como Geertz, Caldeira e Oliveira, entre outros. Iremos observar o que Caldeira apresenta sobre o papel do autor no texto etnográfico. Ela afirma que:

[...] o antropólogo nunca esteve ausente de seu texto e da exposição de seus dados. Ao contrário produtor ele mesmo de seus dados, instrumento privilegiado de pesquisa, a presença do antropólogo profissional tanto no trabalho de campo quanto no texto etnográfico foi essencial para a constituição do conhecimento antropológico. (CALDEIRA. 1988, p.134)

Para tornar um texto etnográfico a interlocução que estabelecemos com os jovens manifestantes, procuramos observar o que diz Geertz. Segundo ele: “[...] Os bons textos de antropologia são simples e despretensiosos. Não convidam a uma minuciosa leitura literocrítica, nem tampouco a recompensam”. (GEERTZ. 2005, p.12)

4.1 A EXPERIÊNCIA DA PRISÃO DOS MANIFESTANTES: SIGNIFICADOS, ESTRANHAMENTOS, MARCAS E RELAÇÕES SOCIAIS QUE SE ESTABELECEM NO AMBIENTE CARCERÁRIO.

4.1.1 RELATO DA MANIFESTANTE 01

A primeira manifestante a nos conceder a entrevista é uma jovem de 20 anos, aluna do Curso de Auxiliar Administrativo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES). Estagiou por 01 ano e meio no Quartel Central da Polícia Militar e numa empresa de medicina e segurança do trabalho. Ela reside com os pais em Vitória.

Ao primeiro momento, reconheceu o nosso colega do grupo, mas sem saber identificá-lo de fato. Ao apresentá-lo como estudante e pesquisador do curso de ciências sociais, não houve nenhuma reação da nossa entrevistada, mas quando dissemos que ele era policial militar, ela sentiu um choque e lembrou que já trabalhou junto com ele quando estagiou no Quartel da Polícia Militar e resumiu tudo nas seguintes palavras “tomei um tapa agora”. Ao perceber o choque da nossa entrevistada, uma das pesquisadoras, na posição de também manifestante e na interlocução com o policial militar, sentiu também certo estranhamento, ou por não dizer choque, pois se sentiu na mesma posição da manifestante.

Ficou 02 dias presa. Relatou-nos que, participa dos atos desde 2011 no Movimento Passe Livre. Quando estagiou na PM parou de participar das manifestações, mas nas ocorridas em 2013 voltou a participar mais efetivamente. Ao ser questionada sobre o motivo de participar das manifestações, ela disse que quando saiu de casa,

Fui para ir à luta pelos meus ideais. Saio para questionar, pelos excluídos, pelos não politizados, vou pelas pessoas que não conseguem defender os seus direitos. Não sou filiada a nenhum partido político e apoiei as manifestações de ocupação da Assembleia Legislativa do Espírito Santo (Manifestante 01)

Afirmou que, no dia 19 de Junho de 2013, estava pacificamente na manifestação desde o início da concentração na Assembleia Legislativa, onde observou a presença de um grande efetivo policial. A caminhada foi pacífica até o centro da cidade com

fechamentos de ruas somente perto da Praça Costa Pereira e os manifestantes estavam todos de forma pacífica. O grupo se reuniu para decidir sobre a ida ao Palácio Anchieta e, conforme ela, a mídia não mostrou a parte do movimento que era pacífico. O início do confronto se deu com a subida dos manifestantes ao Palácio Anchieta.

O que mais a marcou no momento da prisão, foi a abordagem extremamente agressiva das policiais militares que mandaram alguns dos manifestantes deitarem ao chão e de cabeça no asfalto e em seguida determinaram que ela e outras pessoas ficassem presas no cofre (camburão), sem nenhuma preocupação em protegê-las dos que estavam olhando a cena. Ao relatar essa experiência do momento da prisão, ainda lembra-se das fisionomias das policiais militares e se sente abalada. Ela se pergunta onde estavam seus direitos de cidadã, quando foi tratada dessa maneira. Após este fato, foi conduzida junto com outros manifestantes para a delegacia patrimonial, aguardando na cela junto com alguns menores a confecção da Nota de Culpa. O material que portava na bolsa era soro fisiológico e nada além disso. Dentre as pessoas que foram detidas, estavam trabalhadores do SAMU e outras pessoas com uniformes de trabalho.

Na manhã de domingo, os manifestantes femininos presos foram levados para o Centro de Triagem Feminina de Viana e no processo de triagem o tratamento foi igualitário para todos. Foi colocada na cela junto com outras presidiárias e nesse instante teve um sentimento de medo. A relação estabelecida entre as companheiras de cela foi de ajuda mútua. Ela afirma: "Os agentes penitenciários deram total apoio dizendo que nós deveríamos sim, ir às ruas lutar pelas causas deles. O que foi mais humilhante para mim foi a forma como fui tratada pela policial militar" (Manifestante 01).

Logo no início, a troca de cela provocou um conflito, pois as presas que já estavam na cela, não queriam sair para dar lugar às manifestantes presas, mas depois essa situação foi sanada. Dentro do presídio e na condição de manifestante até se sentiu acolhida. Percebeu certo tipo de proteção das próprias presas que ali já estavam. Durante todo o tempo elas queriam ajudar, numa mistura de sentimento espiritual, acolhimento e proteção.

Não chegou a estabelecer nenhuma relação com as outras manifestantes porque entende que as outras que foram presas junto com ela não eram manifestantes de fato, pois as prisões foram feitas de forma aleatória e algumas nem entendiam o motivo de estarem ali.

A marca que ficou dessa experiência da reclusão é que passou a se sentir mais fortalecida, mas, por outro lado, também se sente ameaçada a todo o momento pelo outro (PM), também fez aumentar os laços de amizade com os outros manifestantes (homens) presos. Dentro da prisão sentiu-se muito mais acolhida do que no momento da prisão.

A manifestante revê o que passou e descreve:

Na delegacia no momento da assinatura dos documentos de reclusão, sofremos uma pressão psicológica. É um momento que já não se acredita mais em nada e que a nossa vida nunca será a mesma. Às vezes ainda me apanho com as mãos para trás que é uma regra para quem fica recluso. Fui acusada de formação de quadrilha, depredação de patrimônio histórico e de carregar artefatos. Por enquanto me afastei das manifestações. A prisão dos manifestantes fez com que enfraquecesse o movimento. A minha mãe me pergunta a troco de que, eu fui para a rua. A minha prisão acabou afetando a minha liberdade, mas também a da minha da minha família. (Manifestante 01)

Ela se pergunta onde estavam seus direitos de cidadã e, com relação à forma como foi tratada neste local, percebeu que o delegado tentava parecer neutro. Não a intimidava, mas tinha a sensação de que fato "ninguém se importava" com o que estava ocorrendo. Ao solicitar que ela assinasse a Nota de Culpa, apenas esclareceu que se ela se recusasse tinha duas testemunhas para suprir a ausência da assinatura.

Questionada sobre o fato de um dos pesquisadores também ser um policial militar ela declara que:

O fato de ele ser policial militar me intimidou, mas entendo que ele deve honrar a sua farda. A lógica é que quando ele veste a farda ele larga o humano e entra o outro estágio. Eles têm o poder e o usa para oprimir, mesmo quando tira a farda ele ainda é um animal, o momento da prisão para mim foi o mais traumático. (Manifestante 01)

Nesta relação entre pesquisador e pesquisado e de que elementos a antropologia enriquece com os temas e questões como a relação entre o observador e observado,

pesquisador e pesquisado, antropólogo e informante, Roberto Cardoso de Oliveira expondo sobre a crise dos modelos explicativos vai dizer que:

[...] Primeiro, pode-se dizer, que ela ganha ao se interrogar sobre a especificidade de uma relação em que ambas as partes (observador e observado) estão situadas num mesmo momento histórico, querendo dizer que o sujeito cognoscente não está imutavelmente engessado numa posição intocável pelo objeto cognoscível: ele, tanto como o Outro, está inserido na dinâmica do encontro etnográfico. Em termos epistemológicos, diria que a objetividade concebida pelo positivismo, na qual o pesquisador daria todas as cartas, é puramente ilusória. Segundo, e em decorrência disso, a relação que se impõe entre as partes envolvidas no processo cognitivo, de monológica, passa a ser dialógica, alterando a própria prática da chamada entrevista com a transformação do pesquisador e de seu informante em interlocutores (significando isso que uma relação caracteristicamente marcada como uma via de mão única passa a ser de mão dupla, consequência do diálogo tomado agora como essencial na busca – nem sempre e dificilmente alcançada, é verdade – de simetria nas relações entre pesquisador e pesquisado). (OLIVEIRA. 1995 p. 223).

4.1.2 RELATO DO MANIFESTANTE 02

O manifestante 02 tem 30 anos, estudante de administração e formação técnica em tecnologia de informações. Considera-se de classe média e afirma ser um marxista leninista, bolchevique. É vinculado ao movimento estudantil. Já atuou como funcionário público e hoje é trabalhador micro empresário. Ficou 08 dias preso. Questionado sobre seus sentimentos sobre o fato de um policial militar integrar o grupo de pesquisadores, afirmou que era estranho, mas "tudo bem".

Relata que foi preso no primeiro grupo de manifestantes e não estava quebrando nada. Convidado a relatar os eventos, relata com veemência, com largos gestos, as palavras saem como numa explosão. Começa falando em uma ordem cronológica, em seguida muda, traz fatos que mais o impressionaram, volta à sequência inicial.

Fui ao centro levar uns documentos para resolver problemas pessoais. No caminho de volta, encontrei com os manifestantes estavam chegando perto de um banco no Centro de Vitória. Conversei com o grupo e tudo estava na passividade e num clima tranquilo. Alguns mais exaltados queriam jogar pedras

nos policiais militares e eu entrei na brincadeira. O BME apareceu no mezanino do palácio e sem nenhuma atitude. Foi o momento em que o pessoal queria atacar. Os policiais militares começaram a atirar gás lacrimogêneo e eu fui atingido e com um ferimento grave. Tentei sair para ser atendido pelo SAMU, indo até a Costa Pereira em busca de atendimento. Eu fiquei muito puto por ter sido ferido, voltei ao palácio e me encontrei com outro colega e nisso já estava ocorrendo uma depredação mais pesada. O pessoal que estava junto começou a quebrar tudo. Foi nesse momento que fui a Vila Rubim e comprei foguetes (12 por 1) e voltei para lá e dos 16 que havia comprado, disparei 10. (Manifestante 02)

Descreveu o momento da prisão, com detalhes, destacando que foi preso um jovem que sequer participava da manifestação:

Nós caímos [gíria para prisão] na frente do Edifício Fabio Ruschi, eu e mais alguns conhecidos da ocupação. Quem me prendeu foi o comandante da operação e foi tranquilo. Quando entramos no camburão, eu e uma jovem rastafári, já havia lá dentro, um jovem de classe média alta e que não estava participando da manifestação. Este foi algemado e jogado dentro do camburão e chorando muito. “O cara era neto de juiz”. O tratamento era igual para todos e ficaram um algemado ao outro. No nosso caso, a operação foi cumprida de forma respeitosa, não sofremos excessos. (Manifestante 02)

Ao relatar o período em que estiveram na delegacia fica claro que nenhum dos manifestantes esperava o prosseguimento da forma como ocorreu. Ficaram surpreendidos com todos os procedimentos ali ocorridos. Perceberam uma articulação entre Polícia Militar e Polícia Civil. Um servidor de cargo intermediário, discretamente, orientou os manifestantes a buscar ajuda jurídica. Nosso entrevistado afirmou que

Na delegacia sofremos o cerceamento de direito. Eu consegui ligar para o meu advogado escondido dentro do camburão. Fomos conduzidos para a delegacia patrimonial e tomaram nossos telefones. Em primeiro momento foi a seção de fotos, cadastro, momento de conflito, mas sem agressão, fomos para a fila de depoimentos. Neste momento, foram chegando mais pessoas e após os fichamentos (ficha policial) fomos colocados num canto para a confraternização com os companheiros (manifestantes também presos). A relação que senti em relação ao delegado, é uma relação de poder em que o preso não tem direito a nada. (Manifestante 02)

Ele relata que foram encaminhados ao presídio de Viana e foram bem recebidos pelos agentes. A princípio os presos comuns que lá já estavam não aceitaram muito bem o

grupo de manifestantes, por achar que estes estavam invadindo os seus espaços. Os manifestantes foram distribuídos em duas celas, em dois grupos de 14 pessoas. O manifestante relata que "no banheiro a mesma água que se usava para a descarga e para o banho era a mesma que se bebia". Havia um arremedo de vaso sanitário e um cano de cerca de um metro de altura, donde saía água, usada para beber e para a higiene íntima. Este cano era chamado "boi". O desconforto do local não surpreendeu o manifestante. Como se considera um revolucionário tinha a sensação "de que eu estava bem e era no momento onde eu deveria estar. Parecia que eu estava confortável e todos estavam numa energia bem centrada". (Manifestante 02).

O jovem fez algumas reflexões sobre os efeitos da prisão sobre todos eles. Explicou que, à medida que alguns detidos iam saindo, os restantes eram reagrupados, provocando o que ele chamou de "depuração do grupo". Ele afirma:

A partir do momento que os outros manifestantes presos foram saindo, os que restaram foram se tornando mais unidos. A primeira cela, não parecia que a galera era manifestante, na segunda cela o grupo era mais íntegro e mais politizado. Foram momentos positivos onde houve muito momento de discussão sobre nas manifestações se trabalhar, intervenções urbanas, poéticas e terrorismo que foi o mais debatido. Na experiência da reclusão percebi que quando as pessoas se juntam ficam arquitetando planos. Também fizemos muitas esculturas em sabonetes. Antes da reclusão eu era ateu e agora acredito em todas as religiões. No momento do banho de sol, tinha um grupo de oração e foi nesse momento que se estabeleceu uma relação social com os outros presos e sem estranhamentos. Foi o momento em que os presos ficaram junto com os presos políticos, fizeram orações até em favor dos movimentos sociais. (Manifestante 02)

Como outros manifestantes, este entrevistado também percebeu que a alimentação oferecida aos presos contém remédios, para deixá-los calmos, mas tal medicação não melhorou o desconforto proveniente das sequelas decorrentes da inalação de gás lacrimogêneo. Ele relata que passou: "quatro dias com febre e dor de cabeça e impossibilitado de me locomover" (Manifestante 02).

O manifestante afirma que para os agentes que lá atuavam, os manifestantes eram diferentes, foram instalados juntos, e acredita ainda que por ter conhecimento com um agente penitenciário, teve uma receptividade melhor. Contudo, destaca que

O procedimento de retorno à cela e que eles dizem que é de segurança é totalmente constrangedor. O momento pior da prisão foi quando os outros manifestantes foram soltos e só sobraram 02. Percebi que mudou a relação entre os agentes penitenciários e nós. Começamos a serem maltratados e cobravam de nós, todos os procedimentos (regras para conviver e receber visitas na cadeia), até sofri uma dura pesada (ameaças de agressão). (Manifestante 02)

Ele percebeu que lá existem as regras escritas do padrão prisional e outras que foram aprendendo no cotidiano. Ele exemplifica:

Em relação aos presos que batiam chapão (barulho que atrai os agentes quando quer se pedir algo), eu percebi que os agentes não estavam nem aí para eles. Percebi que naquele local pelas pichações que observei, apesar de todos quererem sair, existe certo orgulho dos presos por serem criminosos. Quando chega um duzentão (pedófilo), este é maltratado tanto pelos presos, quanto pelos agentes penitenciários. Quanto a nós e os outros presos comuns houve muita socialização. (Manifestante 02)

O manifestante fala dos danos psicológicos provocados pela prisão, mas tenta relativizá-la:

A marca que ficou em mim é a sensação de que estou sempre sendo perseguido, monitorado, crise de pânico, sentimento de estar sendo espionado. Fica um trauma, apesar de estar preparado psicologicamente, hoje eu me sinto perseguido. Tenho um sentimento que eles vão atentar contra mim: banco, CIA, governador. Mas, o papel de quem assume quebrar paradigmas é sofrer essas consequências. O inimigo pode estar aqui, ficamos com isso na cabeça, mas mesmo assim não digo que essa experiência foi ruim, foi suportável e eu não digo que isso vai parar não. (Manifestante 02)

Por outro lado, reconhece que da experiência também resultaram vários aspectos positivos, especialmente no tocante à questão política. Ele avalia:

Criou-se um vínculo muito forte de amizade, de respeito mútuo e de reciprocidade e articulação com alguns dos manifestantes presos. Na cela, falávamos a mesma língua, pensávamos várias ideias de articulação e me amadureceu a questão política uns dez anos. Criou-se um elo entre o grupo. Se depender de nós eles estão fudidos! [sic] Foi o momento em que eles conseguiram transformar em grupo os integrantes de um movimento multifacetado. (Manifestante 02)

4.1.3 RELATO DO MANIFESTANTE 03

O manifestante 03 é um jovem de 22 anos, micro-empresário, não é universitário e participa de todas as manifestações. Não é filiado a nenhum partido político. Na manifestação de 19 de julho, não participou do quebra-quebra, somente presenciou a cena. Foi apanhado (preso) na rua e sua prisão foi feita com agressividade. A prisão aconteceu por grupo. Os demais foram presos independentes da participação no ato.

Ficou um dia preso e ao relatar sobre a experiência da prisão ele conta que o tratamento dos agentes penitenciários foi bom. Segundo o manifestante:

A situação foi muito ruim no começo, devido aos outros presos, se sentirem oprimidos devido ter que dividir prisão. O primeiro contato com os presos que já estavam lá na prisão foi rude, mas não tão rude. O tratamento de procedimento de prisão foi o mesmo que para os outros presos, mas com respeito.

O manifestante fez considerações sobre as consequências das prisões tanto sobre ele quanto sobre a população em geral:

A marca que ficou em mim foi o medo, por ter sido uma prisão arbitrária. O poder que eles tinham sobre mim, faz-me viver numa paranóia. "As prisões arbitrárias fizeram com que aumentasse o medo das pessoas que cometem atos criminosos". "Eu pretendo continuar participando das manifestações, mas de outra forma". Esta foi a forma que o governador fez para causar medo nos manifestantes que são pacíficos. Criei laços com os outros manifestantes a partir da experiência da reclusão. (Manifestante 03)

4.1.4 RELATO DO MANIFESTANTE 04

O manifestante 04 é um jovem de 23 anos, estudante universitário no curso de artes, trabalha como expografista (monta exposição), numa escola pelo Programa Mais Educação. Também faz estágio como mediador em museu de Vitória. Já foi professor de artes no CDP de Viana por designação temporária pela SEDU. Participava do movimento passe livre de 2004 e depois continuou no movimento em 2008. Participa efetivamente das manifestações quando pode.

No dia 19 de julho foi preso dentro do ônibus na Praça do Papa às 15 horas, “não quebrei nada”, reitera ele. A sua atuação na manifestação foi dar proteção aos manifestantes, fazendo escudos, barricadas. Não se sente um Black Bloc, pois, segundo ele, “ninguém o chamou para o grupo, e o que importa nisso tudo é a ação política”. (Manifestante 04). Ficou 08 dias preso.

O manifestante faz uma avaliação da própria prisão e dos motivos dela:

Fui preso no segundo bonde. Houve uma seleção dos PM, para selecionar os que seriam presos. Não houve no momento da prisão, repressão por parte dos policiais militares. Não houve defesa da integridade - o que houve foi a defesa da não depreciação de patrimônio. No grupo preso tinha trabalhador, funkeiros e punks. Todos lado a lado, foi uma troca cultural. (Manifestante 04)

O jovem relatou diversos aspectos relacionados ao cotidiano prisional. Descreveu o ambiente, descreveu a alimentação oferecida e as diversas formas para tentar superar a ociosidade forçada. Conforme relata:

Nos dois primeiros dias eu e outros manifestantes ficamos em uma cela contendo 06 jegas (camas), 01 conjunto de boi (torneira que fica a 1 metro de altura e com um buraco no chão para os presos fazerem as necessidades fisiológicas). No início éramos em 28 presos numa cela de 06 e por isso tínhamos que usar o valete (posição em que um dorme com a cabeça para cima e o outro com a cabeça para baixo) como técnica para dormir. O lugar é úmido e frio, fiquei com feridas no couro cabeludo, a libido sexual na prisão não existe, fica-se “grogue” o tempo todo. A “cascuda” (refeição) era uma caixinha de surpresas. No tempo ocioso em que fiquei recluso, comecei a esculpir varas formas e desenhos em sabonetes que eram “pagos” (recebidos dos agentes). Outra forma de distração utilizada foi construir materiais e jogos feitos de “cascuda” (recipiente de isopor). Fiz jogos de dominó e damas, cortinas, cordas Teresa (feita com tecidos), cordões, tiaras e, pichações (desenhos) com pasta de dente. (Manifestante 04)

O manifestante, que há conhecia algumas regras do ambiente carcerário, utilizou-as e orientou o grupo para observá-las. Um exemplo é colocar a toalha na grade para pedir remédio ou “bater chapão” (chutar as grades) para chamar a atenção dos agentes penitenciários e que eles não gostam. Um dos manifestantes presos quase os colocou em uma situação ruim ao fazer isso com frequência. Por sorte, observou aliviado, recebeu seu alvará, pois, “se ele não tivesse sido solto logo, não saberia o que poderia acontecer” (Manifestante 04). Ele esclarece que tal conhecimento os ajudou muito:

A questão de já conhecer os procedimentos (regras) da prisão, já fez com que tivesse conhecimento do que acontecer lá dentro, como é o caso do “cafanhaque” que é olhar a visita de outro preso, que pode dar até morte a chuchada. O procedimento da prisão só serve para humilhar. Já de dentro do camburão, fui orientando os colegas presos sobre as regras da prisão. Os agentes penitenciários consideravam todos os manifestantes como presos políticos. (Manifestante 04)

Além dos presos políticos, como eles eram chamados informalmente pelos agentes do presídio, também havia um tratamento um pouco diferenciado para os reclusos pela Lei Maria da Penha e por não pagamento de pensão alimentícia aos filhos. Os dois últimos grupos ficavam em espaços separados e tinham como função varrer o presídio e entregar as marmitas para os outros presos.

Ao final, quando só havia 02 presos políticos eles foram remanejados para uma cela de isolamento (solitária), que tinha menores dimensões, para voltar a instalar presos comuns nas celas maiores, anteriormente ocupadas por eles. Isso ocorreu nos últimos três dias de prisão. Como este espaço é visto como local de cerceamento de direitos, os dois últimos manifestantes se sentiram extremamente fragilizados, neste período. O manifestante 04 relata que lá o tratamento dos agentes piorou muito.

Também este manifestante relata que antes da prisão conhecia nenhum dos colegas manifestantes, mas conseguiu estabelecer relações de amizade, que acabaram por estimular e ampliar espaços pra sua ação cultural e ação política. Ele avalia que hoje há uma ajuda mútua nos projetos dos manifestantes.

O jovem resume as marcas que ficaram, afirmando que "quando ouço sirene de qualquer viatura eu me assusto", mas ressalta que a performance cultural também o marcou muito exemplificando que quando vê as crianças que vão visitar o museu com as mãos nos ombros uma das outras fica angustiada. Algumas vezes se vê na clássica posição de submissão do detento, cabeça baixa, olhos baixos, mãos para trás e se assusta e imediatamente corrige a posição. Até hoje tem pesadelos, se sente oprimido quando está na rua e vê um carro de polícia. Aliás, com relação à polícia, ele que tem

um amigo que é policial, se sente um pouco incomodado quando o vê uniformizado e informa “Eu tento ainda me ligar para não vê-lo como instituição, não gosta de viver isso”. (Manifestante 04) Ao final da entrevista, segreda, passei por tudo isso, mas "Não diminuiu em mim a vontade do ato de protestar". (manifestante 04)

NOSSAS CONSIDERAÇÕES

Para aprofundar nossa interlocução com os leitores deste trabalho, apresentamos as reflexões que a elaboração desse ensaio etnográfico provocaram nos pesquisadores após a realização das entrevistas sobre a experiência relatada pelos manifestantes que passaram pelo encarceramento.

Os pesquisados são jovens (têm entre 20 e 30 anos de idade). Como atores plurais, vivem cada um a seu modo e de forma muito específica, os dilemas da participação política. Carregam seus sonhos e projetos de um Brasil melhor: uma jovem encontra um espaço de atuação pela via da economia solidária, um segundo deseja a revolução pela via do marxismo, um terceiro sonha com um país com menos corrupção onde possa continuar trabalhando como microempresário e um quarto outro defende idéias que lembram o movimento anárquico. Em cada um deles foi possível reconhecer a heterogeneidade dos projetos e das convicções, mas todos acreditam que lutam por um país melhor. Questionado se era filiado a algum partido político, um dos pesquisados, sacudiu energicamente a cabeça e afirmou sorrindo: "sou filiado apenas a minha mãe" (Manifestante nº 04), enquanto outro quase faz uma profissão de fé: "sou marxista, leninista, bolchevique..." (Manifestante 02). Percebemos que, de algum modo, tentamos enquadrá-los em alguma categoria, mas trata-se de um movimento multifacetado.

Os manifestantes são definidos de diversas formas. Paralelamente aos genéricos “manifestantes”, também são qualificados por uma parte da imprensa como baderneiros ou vândalos. Durante a fase em que foram ouvidos sob a responsabilidade da Polícia

Civil foram considerados depoentes. Segundo o relato de um dos pesquisados, quando questionou a necessidade de serem fotografados, pois, até então entendia que não estavam sendo processados e que não havia por que fotografá-los, recebeu como resposta que elas eram necessárias para a constituição de um "banco de dados". Caso o inquérito policial seja "acolhido pelo Ministério Público" e transformado em processo criminal, estes jovens receberão diversas denominações conforme o desenvolvimento da "ação penal" e tramitação no judiciário (autor do fato, indiciado, denunciado, réu... e mais uma infinidade de termos jurídicos que desconhecem). No presídio, institucionalmente, são chamados de internos. Logo que chegaram ao local, alguns detentos, um pouco aborrecidos por terem sido retirados de suas celas para dar espaço aos jovens que chegaram, passaram a chamá-los de estudantes, de burguesinhos de classe média, mas logo reconheceram que se tratava de estudantes, de trabalhadores. Os agentes do presídio os tratavam (como definiu um dos manifestantes) como "não-bandidos", e se referiam a eles como "presos políticos".

Após as entrevistas, uma roda de conversa se formou espontaneamente incluindo dois manifestantes, a mãe de outro que não havia sido ouvido por nós e pessoas que participavam do evento e neste espaço foi discutida a questão de que inicialmente o órgão responsável pelo inquérito policial foi o Núcleo de Repressão às Organizações Criminosas (NUROC) - fato que surpreendeu a todos que ignoravam tal situação, em especial, aqueles que conhecem o discurso do atual governador que afirma ter sido integrante de movimentos sociais na juventude. Aparentemente, no decorrer desta fase policial, ocorreu uma mudança e outro setor da Polícia Civil assumirá o caso. Uma senhora, mãe de um manifestante preso, uma das fundadoras do Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Município da Serra, afirmou "estão transformando nossos jovens em criminosos". De fato, esse é outro nome que pode ser atribuído a eles. Ao sair do presídio foram orientados a sempre portar cópia do Alvará de Soltura. Esta reflexão estendeu-se para a compreensão por parte do grupo de que há uma articulação governamental para a "criminalização dos movimentos sociais".

Instados a analisar as conseqüências de sua prisão, os pesquisados inicialmente relatam a questão familiar. Por sua juventude é compreensível que tenha surgido à

preocupação dos pais, as advertências do tipo "viu o que você ganhou com isso?", o silêncio constrangido do irmão adolescente, a curiosidade inocente do irmãozinho pequeno ou "volta pra casa meu filho" da mãe distante, contudo, há também relatos de aprovação dos pais pela militância e até uma maior aproximação, a criação de um elo especial entre pai (integrante da esquerda) e filho, após a prisão. O manifestante nº 03 afirma que sua família ficou extremamente afetada e que isso o afeta também.

Com relação à questão emocional, todos demonstraram vulnerabilidade. Tivemos relatos de terrores noturnos, a sensação de estar sendo observado e o temor da real possibilidade de voltar a ser aprisionado, pesadelo em que é levado de um ônibus ou que sofre uma "batida" na rua e é levado pela polícia, sente-se deprimido, introspectivo, à noite ouve sirenes e não suporta ver muros altos, sente-se apreensivo quando vê um policial e tem a sensação de aprisionamento. Um dos manifestantes já atuou em estabelecimento prisional como professor e ao ser questionado se foi mais fácil para ele, afirmou: "Uma coisa é conhecer; outra é vivenciar". Este mesmo manifestante afirmou que, após a soltura, passou a se sentir extremamente incomodado quando em seu local de trabalho recebe crianças pequenas acompanhadas de seus professores e estas solicitam que as crianças permaneçam em fila indiana, com as mãozinhas apoiadas sobre o ombro do coleguinha à frente. Ele afirma que tais atitudes lembram em muito o "procedimento" na prisão. Uma das pesquisadoras, com longos anos como professora, recordou este disciplinamento dos corpos tão corrente nas escolas onde sempre atuou.

Aqui cabe uma análise sobre a finalidade desse procedimento na prisão. O procedimento, considerado pela instituição como necessário para a segurança, consiste em exigir que o detento, nu, faça três agachamentos com as pernas abertas, passe as mãos pelos cabelos, balançando-os, enquanto é observado pelos agentes de presídio. Conforme o manifestante 04, não se trata de segurança, tal exigência é para humilhar o detento, é para marcar sua submissão aos agentes, que têm o poder. Tais medidas são utilizadas ou não pelos agentes, de acordo com a interação estabelecida com o detento.

Durante o período em que estiveram presos, outras formas de poder e abuso de poder atingiram os manifestantes. Um dos jovens esteve doente, teve febre e a medicação demorou muito a chegar, apesar de o grupo ter utilizado o código local para pedir ajuda médica: uma toalha branca pendurada na grade. Outro sofreu ameaças de ser levado a outro local e ser espancado.

Analisando as conseqüências do encarceramento destes e de outros manifestantes, do ponto de vista das políticas de enfrentamento ao movimento por parte do governo estadual, cremos que, muitas análises podem ser feitas. Um dos manifestantes acredita que as prisões de pessoas realmente engajadas nas manifestações, outras com pequeno engajamento e até de pessoas que não tinham qualquer relação com o evento foi uma ação rigorosamente planejada para enfraquecer o movimento. Segundo ele, diante de tal situação, o cidadão comum certamente se afastará das manifestações e aqueles com pouco engajamento temerão represálias, afinal, "ninguém está seguro". (Manifestante 04).

Outra análise, bastante procedente, é que o movimento de fato sofreu um duro golpe porque nos Alvarás de Soltura de alguns manifestantes consta a vedação de participarem de "tumultos" (em alguns casos) e até de participarem de "qualquer manifestação". Por outro lado, a repressão tão dura, desperta a curiosidade e até alcança a simpatia de pessoas que até então não tinham demonstrado interesse pelo tema.

Uma conseqüência, provavelmente não prevista por aqueles que tomaram a decisão - se é que foi planejada como os manifestantes crêem - foi constatada por nós pesquisadores. A possibilidade de todos permanecerem dias a fio, por horas e horas juntos, em completa inatividade, sem interrupções, acabou por propiciar-lhes os meios para desenvolver extensas e acaloradas discussões sobre suas convicções, seus projetos, unindo-os por laços muito especiais. Um exemplo dessa interação produtiva foi o encontro de vários deles, como platéia ou como participantes no evento cultural

denominado “3º Intercâmbio de Cultura Afro do Kisile”, promovido por um dos integrantes, que convidou os demais. Sem a prisão, estes jovens que atuam em diferentes espaços, com projetos de ação política e comunitária, continuariam fazendo tais atividades de modo independente, sem articulação. No evento em Jacaraípe, os jovens manifestantes integraram seus “fazeres”.

Desse modo, concluímos que, na prisão, diversos manifestantes, com atuação independente, se tornaram “um grupo” e desenvolveram táticas de sobrevivência. No momento inicial, a experiência com a linguagem e as condutas apropriadas para o ambiente prisional foram importantes para a instalação e a acomodação do grupo no local. Conhecer certos códigos como “jamais encarar visitas de outros detentos” (os que praticam tal conduta são chamados de cafanhaque e podem sofrer graves represálias por parte de outros detentos). Mais adiante, reconhecer a forte presença dos cultos religiosos e estabelecer contato com as lideranças, tendo, inclusive participado de uma celebração e proposto a inclusão das demandas do grupo de “manifestantes” aprisionados ou não nas orações, também foi importante para sua aceitação e reconhecimento entre outros detentos.

Durante as exposições dos manifestantes e também em nossas discussões posteriores, nós integrantes do grupo na condição de pesquisadores, fizemos um exercício permanente de estranhamento porque precisávamos estabelecer a interlocução com os manifestantes, interpretar seus pontos de vista e a todo o momento nossas convicções pessoais vinham à tona.

Creemos que mesmo exercício foi feito pelos manifestantes que se depararam com uma realidade muito diversa da sua e nos primeiros dias compartilharam a cela com pessoas que, foram presas por equívoco ou devido à sua participação na manifestação, mas que tinham concepções muito diversas. Além disso, em momentos coletivos no presídio, estabeleceram contato com um grande contingente de pessoas em situação de encarceramento por motivos diferentes daqueles que os levaram ali.

Considerando o relato, percebemos que a opção pela interlocução com os manifestantes foi uma opção apropriada para abordar nossa etnografia, porque foi possível ouvir como cada manifestante percebeu o momento que viveu e, a partir daí, analisá-lo, utilizando como recurso a hermenêutica. Desse modo, cremos que

Em suma, é possível relatar subjetividades alheias sem recorrer a pretensas capacidades extraordinárias para obliterar o próprio ego e para entender os sentimentos de outros seres humanos. Possuir e desenvolver capacidades normais para estas atividades é, obviamente, essencial, se temos esperança de conseguir que as pessoas tolerem nossa intrusão em suas vidas ou de que nos aceitem como seres com quem vale à pena conversar. Não estou, em hipótese alguma, defendendo a falta de sensibilidade, espero não ter dado esta impressão. Mas seja qual for nossa compreensão, correta ou semicorreta – daquilo que nossos informantes, por assim dizer, realmente são, esta não depende de que tenhamos, nós mesmos, a experiência ou a sensação de estar sendo aceitos, pois esta sensação tem que ver com nossa própria biografia, não com a deles. Porém, a compreensão depende de uma habilidade para analisar seus modos de expressão, aquilo que chamo de sistemas simbólicos, e o sermos aceitos contribui para o desenvolvimento desta habilidade. (Oliveira, 1995, p. 228)

Como o inquérito policial ainda se encontra em curso, podendo transformar-se em ação penal na esfera judiciária, o texto que ora apresentamos, por compromisso ético entre pesquisadores e pesquisados, não identifica os manifestantes. Encerramos com texto no facebook de um dos manifestantes horas antes de sua prisão: “Ao saírem de casa levem suas máscaras, pois a rua está poluída de intolerância que nos sufoca o peito e faz nossos olhares turvarem tal ambiente corrompido” (Manifestante nº 04).

REFERÊNCIAS

BERTAUX, Daniel. **Les récits de vie: perspectives ethnosociologique**, Paris:Nathan, 1977,

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **“A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia”**. **Novos Estudos**, CEBRAP nº 21, julho de 1988, pp. 133-157.

GEERTZ, Clifford. **Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita** In: **Obras e vidas. O antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. **“Do ponto de vista dos nativos”**; a natureza do entendimento antropológico. In: **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 2004.

JORDÃO, Patrícia. **A antropologia pós-moderna: uma nova concepção da Etnografia e seus sujeitos**. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v.4, n.1, 2004.

LAHIRE, Bernard. *O homem plural*; os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Antropologia e a crise dos modelos explicativos**. *Estud. av.*[online]. 1995, vol.9, n.25, pp. 213-228. ISSN 0103-4014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000300017>. Acesso em: 09 Setembro de 2013